

PROBLEMAS DA LITERATURA INFANTIL E DUAS NARRATIVAS INFANTO-JUVENIS CONTEMPORÂNEAS: ONDE ESTÃO OS HERÓIS?⁵⁰

Jennifer Pereira Gomes⁵¹

Prof.^a Dr.^a Fernanda Maria Abreu Coutinho (Orientadora)⁵²

Resumo: Partindo das reflexões acerca da literatura infantil realizadas por Cecília Meireles, em seu livro *Problemas da Literatura Infantil* (1979), propomos, neste artigo, observar semelhanças e contrastes em relação aos apontamentos da autora e a realidade da leitura de obras infantis e infanto-juvenis contemporâneas. Partiremos da interessante discussão que a escritora realiza sobre a infância, os liames entre “Literatura Tradicional” (oral que se tornou escrita pela coleta de contos populares) e Literatura Infantil, bem como de suas ponderações sobre as características dessa última. Cecília aponta ainda para a figuração dos heróis nos livros infantis e se questiona acerca dos rumos que eles tomam (e tomarão) nas obras da época. Aqui nos perguntaremos: como figuram os heróis na literatura infantil (e infanto-juvenil) contemporânea? A fim de observarmos mais de perto essa questão selecionamos para este breve estudo comparativo, os livros *Coraline* (2002, lançado no Brasil em 2003, adaptado para filme em 2009), do inglês Neil Gaiman, e *Artemis Fowl - O Menino Prodígio do Crime* (2001), do escritor irlandês Eoin Colfer. Estudaremos as personagens das duas narrativas: a heroína homônima de *Coraline*, que se arma de coragem e enfrenta a duplicata de seus pais para salvar os verdadeiros, e o anti-herói Artemis, proveniente de uma família célebre na arte da trapaça e que busca recuperar a fortuna familiar ao se apossar de um tesouro das fadas. Percebemos que as trajetórias das personagens parecem seguir a “jornada do herói” (CAMPBELL, 2007) e reinventar características próprias dos contos de fadas; o contato, o combate e até mesmo a aliança com seres mágicos revela-se uma das facetas dessa apropriação.

Palavras-chave: Literatura infantil; Herói; Anti-herói; Cecília Meireles.

Abstract: Based on the reflections on children's literature held by Cecília Meireles in his book *Problemas da Literatura Infantil* (1979), we propose in this paper to observe similarities and contrasts in relation to the author's notes and the reality of reading childish and works for children and young contemporary. We leave the discussion interesting that the writer performs on childhood, the bonds between "Traditional Literature" (oral writing what became the collection of folktales) and Children's Literature, as well as their weights on the characteristics of the latter. Cecília also points to the figuration of the heroes in children's books and one question about the courses they take (and take) in the works at the time. Here we ask: how heroes appearing in children's literature (and juvenile) contemporary? In order to look more closely at this brief issue selected for this comparative study, the books *Coraline* (2002, released in Brazil in 2003, adapted for film in 2009), the English Neil Gaiman, and *Artemis Fowl* (2001), the Irish writer Eoin Colfer. We will study the characters of the two narratives: the eponymous heroine Coraline, who faces gun courage and the

⁵⁰ Artigo apresentado em forma de comunicação no simpósio “Que leitor é esse? Narrativas infantojuvenis e contemporaneidade”, no IV CIELLA – Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia, em abril de 2013.

⁵¹ Mestranda em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC). Bolsista CAPES. Contato: jenniferpereira@gmail.com.

⁵² Professora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: fmacout@terra.com.br.

duplicate of his parents to save the true, and the antihero Artemis, from a family famous in the art of deception and seeking to recover family fortune to get hold of a treasure tale. We realized that the trajectories of the characters seem to follow the "hero's journey" (Campbell, 2007) and reinvent characteristics of fairy tales; contact, fighting and even alliance with magical beings appears to be one of the facets of this appropriation.

Keywords: Children's literature; Hero, Antihero, Cecília Meireles.

Introdução

Propomo-nos aqui a observar a leitura de obras infanto-juvenis contemporâneas e decidimos partir das indicações de Cecília Meireles, em seu livro *Problemas da Literatura Infantil* (1979), sobre leitura e infância. Levando em consideração a aproximação das faixas etárias consideradas pela autora e a classificação atual, pudemos perceber que diversas das discussões empreendidas pela escritora ainda mantém consistência, mesmo passadas décadas de sua publicação. O livro é resultado de três conferências proferidas por Cecília Meireles a pedido do Governo de Minas Gerais, em 1949. Embora tenham se passado mais de seis décadas, as questões por ele levantadas falam diretamente aos dias de hoje. São ponderações sobre a educação e a infância que ainda hoje inquietam pais, educadores e pesquisadores (sejam voltados à pedagogia, sejam à literatura).

Ao buscar uma definição para *literatura infantil* a autora propõe uma diferenciação com relação à literatura geral, que termina por impor a questão relacionada à maneira de delimitar essa classificação: por ser escrita e pensada pelo adulto diretamente às crianças, ou seguir a escolha daquele público leitor. A fim de buscar uma solução para o dilema, a escritora segue para a definição de *livro infantil* passando pela história do livro, das narrativas orais e sua fixação textual. De acordo com Cecília Meireles, muito dessa “Literatura Tradicional” (tanto oral – parlendas, provérbios, adivinhas – quanto escrita) deposita traços nas escritas mais recentes, e, para tanto aponta exemplos como Selma Lagerlöf, Condessa de Noailles e Máximo Gorki:

Insistimos nesse ponto da permanência do tradicional, na Literatura Infantil, tanto oral como escrito, porque por ele vemos um caminho de comunicação humana desde a infância que, vencendo o tempo e as distâncias, nos permite uma identidade de formação. Por essa comunhão de histórias, que é uma comunhão de ensinamentos, de estilos de pensar, moralizar e viver, o mundo parece tornar-se fácil, permeável a uma sociabilidade que tanto se discute. (MEIRELES, 1979, p. 63).

A partir dessas características e conexões a autora considera aspectos da literatura infantil quatro casos distintos: 1. A redação escrita das tradições orais seja a “redação direta, sem acréscimos, reduções ou ornamentos [...] ou sofrendo a influência estilística do autor” (MEIRELES, 1979, p.69); 2. Livros que foram originalmente escritos para uma criança, e que passaram à leitura geral e 3. Obras que não foram escritas para crianças, mas caíram no

gosto da leitura infantil e que sofreram adaptações, ou mesmo reduções, a fim de adequarem-se ao novo público. E há ainda as obras escritas especialmente para crianças (quarto caso). Ao falar sobre elas e autores que dedicaram sua vida inteira a escrever para a infância, ou que escreveram uma dentre muitas outras obras para ela, a autora enumera três aspectos da literatura infantil: “o moral, o instrutivo e o recreativo” e esclarece que “esses caracteres não aparecem isolados, mas, ao contrário, frequentemente se interpenetram” (MEIRELES, 1979, p. 78).

Ao comentar *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país do espelho*, Cecília Meireles as diferencia de outras histórias escritas para crianças: “A singularidade desses livros é que, construídos com elementos na realidade, são muito mais ricos de maravilhoso que qualquer história de fadas.” (MEIRELES, 1979, p. 83). Enquanto nas últimas a magia restringia-se a objetos, palavras ou personagens mágicos, em momentos de dificuldade, nas obras de Carroll o maravilhoso se espalha por todo o novo mundo que a personagem irá conhecer. No entanto há outro motivo para a escolha da autora: características singulares, como o fato de a narrativa ter sido “Oral, antes de escrita, e constituída com a colaboração das crianças” e por elas ter sido julgada (a escrita e publicação foi ideia das meninas Liddel, para quem Carroll escreveu as histórias).

Adotando as perspectivas de definição da Literatura Infantil propostas por Cecília Meireles (1979) acreditamos ser possível prosseguir em nossa discussão e aproximar outras visões sobre a leitura das obras infanto-juvenis bem como a natureza do herói nas narrativas contemporâneas selecionadas para esse breve estudo.

Desenvolvimento

A autora aponta problemas para a leitura que podem ser observados ainda nos dias atuais. Além das mudanças de paradigma, que dificulta a leitura dos clássicos, afinal, “se a criança participa desse caótico mundo, as leituras até aqui usadas não têm razão de ser. No entanto, se as tentarmos utilizar, a reação das crianças será mais de desprezo pelo livro, que lhes parecerá ingênuo e inatual.” (MEIRELES, 1979, p. 104). Outra dificuldade indicada é a interferência daquelas “leituras seculares” no processo de leitura infantil: “Além disso, o efeito do livro infantil é prejudicado por fatores aparentemente inocentes. Os anúncios dos bondes; os cartazes dos muros; as fotografias vastamente difundidas por todas as publicidades [...]” (MEIRELES, 1979, p. 104). O demasiado uso das imagens e ilustrações também é considerado prejudicial à leitura das crianças: “O cinema talvez tenha acentuado demasiadamente a lição visual. Nós, que já tínhamos aprendido o exercício da imaginação,

e o raciocínio com idéias, voltaremos a pensar só com os objetos presentes, sem os podermos transformar em palavras?” (MEIRELES, 1979, p. 112).

Prosseguindo mais adiante em sua argumentação, afirma que há uma “crise do livro infantil” caracterizada menos pela carência do que pela abundância de títulos: “de tudo temos, e, no entanto, a criança cada vez parece menos interessada na leitura” (MEIRELES, 1979, p. 115) o que é somado à superficialidade oferecida pelas mídias, que, por sua natureza fluida e veloz, conquistam a atenção dessas crianças de forma muito mais rápida que o exercício da leitura. A partir disso, a pesquisadora propõe como solução possível: “Poder-se-ia sugerir uma literatura de base universal, utilizada por todas as crianças do mundo?” (MEIRELES, 1979, p. 115) Trata-se de um objetivo passível de ser realizado nos dias de hoje, levando-se em consideração o avanço dos meios técnicos nas últimas décadas. É possível depreender da leitura dessa obra, quão atuais são os problemas nela relacionados: ainda hoje buscamos soluções para a diminuição da leitura em diversas camadas da população, não apenas na das crianças. Ainda hoje deparamos com obstáculos de natureza similar aos apontados por Cecília Meireles: a abundância de títulos é ainda maior, assim como a diversidade de suportes (livro, áudio livro, livro eletrônico).

A autora propõe, portanto, a formação de uma biblioteca “Clássica” da infância, onde constariam as obras literárias clássicas abraçadas pela leitura infantil, assim como as obras primas (escritas ou não para crianças) da atualidade. Reporta-se ao aumento das bibliotecas infantis⁵³, atribuindo-o ao incremento nas publicações infantis pela indústria editorial: adaptações, fragmentação de coleções (como as de contos de fadas, por exemplo), novo material folclórico, frente às novas histórias, de autores contemporâneos. Aponta, ainda, a diferença de peso entre as obras clássicas (narrativas tradicionais e livros consagrados) e as contemporâneas:

Este caminho pareceria, a princípio, o mais natural e acertado: que as crianças fossem recebendo sempre a contribuição literária do seu tempo, em lugar de se entregarem a leituras seculares...

O certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, seja na Literatura Geral são os que possuem uma essência de verdade capaz de satisfazer à inquietação humana, por mais que os séculos passem. São também os que possuem qualidades de estilo irresistíveis cativando o leitor da primeira à última página, ainda quando nada lhe transmitem de urgente ou essencial. (MEIRELES, 1979, p. 91)

⁵³ Lembremos que a primeira biblioteca infantil brasileira, no Pavilhão do Mourisco (RJ), foi criada por Cecília Meireles, inaugurada em 15 de agosto de 1934, sendo fechada pelo poder executivo em 1937, por abrigar livros como *As aventuras de Tom Sawyer*, que apresentariam “conotações comunistas” e poderiam desviar a conduta das crianças (PIMENTA, 2001, p. 114).

Cristine Zancani (2006), ao investigar a visão legitimada da infância em obras premiadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil (edições de 1979, 1986 e 1998) pondera sobre a representação das personagens infantis nos livros e conclui:

Entendemos que a obra literária infantil pode refletir diferentes perfis de criança, mas cobramos dos textos premiados o reflexo de crianças empreendedoras. Identificando-se com personagens que questionam regras, antes de obedecê-las, o leitor é convidado a adotar a mesma postura e a participar da transformação da sociedade. (ZANCANI, 2006, p. 67)

Observamos que há uma preocupação em comum nestas pesquisas aparentemente distantes: a importância da leitura para a formação ética das crianças (e adolescentes). Tanto que a importância das primeiras leituras é ressaltada e defendida por Cecília Meireles: esses primeiros contatos com as narrativas deixam uma lembrança indelével que poderia acompanhar o leitor ao longo da vida (MEIRELES, 1979, p.99). Portanto, para a autora, o livro infantil deve ser tomado como obra literária significativa: “Se a criança, desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.” (MEIRELES, 1979, p. 96).

Vincent Jouve, no livro *A leitura*, relaciona o ato da leitura com o sentimento de infância, conseqüentemente, com essas primeiras leituras:

Ler, de certa forma, é reencontrar as crenças e, portanto, as sensações da infância. A leitura que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história. [...] Por essa razão, as leituras são [...] a matriz das leituras ulteriores. (JOUVE, 2002, p. 117-8).

É possível observar, pelo viés desses estudos da leitura, que o leitor traz consigo, para o processo de ler toda uma carga simbólica e cultural desenvolvida ao longo da vida: “Recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores da época.” (JOUVE, 2002, p. 24). No entanto, durante a leitura, há, segundo Jouve, a possibilidade de serem criados laços de proximidade entre leitor e personagem no ato da leitura:

[...] as representações imaginárias do primeiro [o leitor] devem compor [uma imagem do personagem] com um princípio de realidade muito menos exigente.

É o que explica essa intimidade excepcional (a qual todo leitor pode experimentar) entre o sujeito que lê e a personagem romanesca. O imaginário próprio de cada leitor tem um papel tal na representação que quase se poderia falar de uma “presença” da personagem no interior do leitor. (JOUVE, 2002, p. 116)

Essa apreensão interior da personagem pelo leitor toma proporções de uma vivência diferenciada na e pela leitura: “Essa interiorização do outro – é fácil admiti-lo – perturba tanto quanto fascina. Ser quem não somos [...] tem algo de desestabilizante. O leitor, transformado em suporte, em uma tela na qual se realiza uma experiência outra, vê mudar as marcas de sua identidade.” (JOUVE, 2002, p.109).

Essa proximidade é uma das questões focalizadas pelas indicações de Cecília Meireles e, como vimos, por Cristine Zancani: a da identificação do leitor com a personagem protagonista, da possibilidade de a leitura e esse envolvimento apontar mudanças na ação desse leitor pautadas pelas atitudes da personagem: “Parece que, por meio da identificação das personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de apreender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor.” (JOUVE, 2002, p. 136) Observamos o comentário que Cecília sobre a recepção das aventuras de Robinson Crusoé:

Por estas ou aquelas razões, Robinson Crusoé, da sua ilha deserta foi visto por todas as crianças do mundo. Brincava-se de Robinson como hoje se brinca de bandido. O papagaio e o guarda-sol de Robinson eram tão atraentes como as pistolas atuais. Por onde se vê que as crianças do passado tinham, sobre as de hoje, a superioridade de uma inegável poesia, e de um evidente bom gosto. (MEIRELES, 1979, p. 71-2, grifo nosso).

Essa *identificação* do leitor com a personagem, em geral o protagonista, o *herói* e até mesmo o *anti-herói*, também se dá nas leituras de livros infantis e infantojuvenis. É possível perceber quão grande é a preocupação da autora relacionada à possibilidade de uma identificação entre a criança leitora e um *anti-herói*: em sua opinião identificar-se com Robinson Crusoé seria mais saudável para sua formação do que se aproximar dos heróis que utilizam armas e esperteza, mesmo que no combate ao crime. Com a finalidade de mapear as características do herói moderno, Cecília Meireles estudou os romances policiais, os quais considera nocivos como leituras infantis: “Por mais que seus aficionados se refiram ao engenho desses romances, por mais que aludam ao exercício de raciocínio que representam, por mais que o comparem a jogos matemáticos, – nada faz perder de vista o crime básico.” (MEIRELES, 1979, p. 108). A autora leva em conta que o herói da narrativa é o detetive, mas que, no entanto, o engenho do assassino torna-o o herói, e que o mistério e o perigo que o circundam aumentem a fascinação do leitor.

Nesse momento acreditamos ser importante retomar um dos questionamentos desse trabalho: como figuram os heróis na literatura infantil (e infantojuvenil) contemporânea? Antes de passarmos às obras literárias selecionadas para nossa análise, vejamos com mais detalhe as definições de herói que Cecília Meireles constrói, e a maneira

como aborda essa questão nas narrativas lidas por crianças: há uma clara preocupação sobre que tipo de herói serviria de exemplo para a criança do século XX. A autora traça os perfis do que considera o herói “ideal” e de como se mostra o herói “de hoje”.

O herói “ideal” se subdividiria em duas vertentes. Uma delas apresenta um caráter “marcadamente oriental [...] [ou] arcaico” e advém daqueles que figuram nas diversas narrativas mitológicas, nos contos meramente morais, nos personagens de histórias de livros sagrados (ou ainda outras da esfera religiosa como as vidas dos santos, por exemplo), além dos que povoaram as narrativas orais e, assim, os contos de fadas. O herói “ideal” tem como objetivo a santidade, as virtudes, a sabedoria. A outra vertente designa o caráter “ocidental” desse herói “ideal”: as proezas humanas, ao invés dos feitos espirituais, é um herói realizador. Ele tem como objetivo a superação de um obstáculo, a vitória, que causa admiração e inspira respeito. (MEIRELES, 1979, p. 100).

Já o herói “de hoje” segue o objetivo da vida moderna: “a felicidade material”. Uma vida onde o conforto e a fruição dos prazeres momentâneos proporcionam a chave do bem viver, e a manutenção de uma segurança prática, objetiva e raramente espiritual torna-se o objetivo das ações do herói na narrativa “de hoje”:

Que menino quer vencer as tentações para conseguir a sabedoria? Que menina será capaz de amas as feras por piedade, e desencanta-las por amor?

O herói saiu das páginas dos livros e campeia aos nossos olhos, opulento e vaidoso: é o tipo que os jornais aplaudem, que em algum lugar de coragem tem atrevimento; em lugar de inteligência, esperteza; em lugar de sabedoria, habilidade...

Eis como o herói se tornou bandido. Bandido feliz, de pistolas invencíveis.

Eis como o herói se transformou em aventureiro sem escrúpulos, saltador de todos os bancos, contrabandista de todos os assuntos, ladrão elegante e assassino por esporte. (MEIRELES, 1979, p. 107-8, grifo nosso)

Chamou-nos a atenção essa negatividade atribuída ao herói “de hoje”. Acreditamos que essas duas tipologias de heróis caminham lado a lado nas narrativas contemporâneas. Isso significa dizer que os heróis (e anti-heróis, se seguirmos à risca as características do herói “de hoje” indicado por Cecília Meireles) encaminham-se para uma e outra dessas definições; alguns podem aproximar-se mais do que outros. Com a finalidade de observar o comportamento dessa categoria em narrativas contemporâneas selecionamos duas obras literárias: *Coraline* (2002, lançado no Brasil em 2003, adaptado para filme em 2009), do inglês Neil Gaiman, e *Artemis Fowl - O Menino Prodígio do Crime* (2001, lançado no Brasil em 2011), do escritor irlandês Eoin Colfer.

Em *Coraline* o leitor acompanha a protagonista homônima, que em boa parte da narrativa está entediada: embora seu *bobby* seja a jardinagem e a exploração do jardim não pode sair por causa do mau tempo. Seus pais trabalham em casa – ambos escrevem para periódicos de jardinagem, mas não cultivam a terra e comem comidas enlatadas, uma das coisas que mais a incomoda. Coraline está certa de que seus pais são os mais chatos e os que menos lhe dão atenção. A grande casa onde moram foi dividida em quatro apartamentos, no térreo há dois deles com plantas espelhadas. A família ocupa um desses apartamentos e o outro está desocupado. Uma porta estranha – que seria uma ligação entre os dois apartamentos e fica na parede de uma das salas – é encontrada por Coraline logo no início da narração: ao abri-la descobre que está fechada por um muro. No entanto, sozinha em casa e com a chave – antes proibida por sua mãe –, a insatisfeita Coraline descobre que a porta pode levá-la ao apartamento do lado. Chegando lá a protagonista encontra uma “outra família” que encarna tudo o que ela desejava de seus pais: comidas divertidas e suculentas, tempo para brincar com ela, animais falantes, um teatro para cachorros, um formidável circo de ratos.

Entretanto esse novo mundo apresentava algo de obscuro e assustador: todas as pessoas tinham, no lugar dos olhos, botões. Quando a “outra família” oferece a chance de ficar naquele mundo encantado para sempre, em troca de seus olhos, Coraline resolve fugir e voltar para a casa de sua verdadeira família, mas percebe que seus pais foram sequestrados pela “outra mãe”. A partir desse momento a protagonista resolve abrir a porta mais uma vez. Por sua desobediência Coraline é presa no sótão e descobre três fantasmas de crianças que tinham cedido à proposta da “outra mãe”. Para salvar seus verdadeiros pais a heroína propõe uma aposta arriscada com a sequestradora: se ela encontrasse as almas das três crianças, a “outra mãe” devolveria a única chave capaz de abrir a porta, caso ela não conseguisse, trocaria seus olhos por botões.

No final da narrativa, com a ajuda de um gato preto e de uma pedra mágica, Coraline recupera as almas das crianças fantasmas, seus pais, a chave e derrota a “outra mãe” monstruosa. Nesse momento ela também percebe o valor de sua família de verdade. Ao reencontrar seus pais (que de nada lembravam) as atitudes de Coraline para com eles mudam: “Then she hugged her mother so tightly that her arms began to ache. Her mother hugged Coraline back.” (GAIMAN, 2002, p. 139). E, ao rever o pai verdadeiro:

Coraline walked down the hallway to her father’s study. He had his back to her, but she knew, just on seeing him, that his eyes, when she turned around, would be her father’s kind gray eyes, and she crept over and kissed him on the back of his balding head.

“Hullo, Coraline,” he said. The he looked around and smiled at her.
 “What was that for?”
 “Nothing,” said Coraline. “I just miss you sometimes. That’s all.”
 “Oh good,” he said. He put the computer to sleep, stood up, and the, for no reason at all, he picked Coraline up, which he had not done for such a long time, not since he had started pointing out to her she was much too old to be carried, and he carried her into the kitchen.
 Dinner that night wwas pizza, and even though it was homemade by her father [...] Coraline ate the entire slice she had been given. (GAIMAN, 2002, p. 140-1).

Passemos à segunda obra selecionada para esse artigo. *Artemis Fowl II* é o protagonista dessa narrativa: pequeno gênio do crime, aos 12 anos arquiteta um plano para recuperar a fortuna de sua família, perdida por conta do pai desaparecido. Sua família é tradicional no mundo do crime, com várias gerações de contraventores famosos, e mora em um castelo na Irlanda, recheado de conforto e luxo. Artemis é sempre acompanhado por Butler, seu guarda-costas e criado treinado em artes marciais, espionagem e armas de última geração. O plano do protagonista é conseguir uma tonelada de ouro das fadas, mais exatamente *leprechauns*, seres mágicos tipicamente irlandeses.

Artemis inicia seu plano sequestrando Holly Short, *leprechaun* e capitã da LEP, uma espécie de força policial de elite do “Povo das fadas”. Como teve acesso ao livro sagrado que toda fada carrega e que traz todas as leis e costumes do “Povo”, Artemis prossegue com seu plano, e, mesmo dispondo de tecnologia inferior, está sempre dois passos à frente da polícia mágica. Após diversas táticas e um ou dois momentos de quase insucesso, o protagonista consegue o tesouro e uma chance de ter um desejo realizado, o qual utiliza para curar sua mãe de uma depressão.

Ao longo da trama Artemis é caracterizado como anti-herói – atos inescrupulosos e egoístas, além de um ou dois momentos de culpa, logo retomados pela frieza habitual. Em um dos interrogatórios de Holly, o garoto a tortura mentalmente:

O garoto irritante gargalhou de novo.
 – Há quanto tempo você acha que está aqui? [...]
 – Três dias – mentiu. – Nós mantivemos você drogada por mais de sessenta horas... até você contar tudo o que precisávamos saber.
 Ao mesmo tempo que as palavras saíam, Artemis sentia culpa. Esses jogos mentais estavam tendo um efeito óbvio em Holly, destruindo-a de dentro para fora. Haveria mesmo necessidade disso? (COLFER, 2011, p. 130).

Em outro trecho da narrativa o personagem é caracterizado com mais detalhes:

Artemis abotoou seu paletó de grife, parando no espelho para ajustar a gravata. O truque para a negociação era seguras todas as cartas que você recebia e, mesmo se não fizesse isso, tentasse parecer que tinha feito.

Artemis fez a sua melhor cara sinistra. Maligno, disse a si mesmo, maligno mas tremendamente inteligente. E decidido, não se esqueça de decidido. (COLFER, 2011, p. 159-60).

Ao final da narrativa o protagonista vê seu plano realizado: meia tonelada de ouro nos cofres da família. E sua mãe curada da depressão por um desejo comprado de Holly: “Ele [Artemis] ergue os olhos, na direção da escada. Tinha sido esperança demais confiar na fada. Afinal de contas, ele a mantivera prisioneira contra a vontade. Censurou-se em silêncio. *Imagine se separar de todos aqueles milhões em troca da promessa de um desejo, Ah, a ingenuidade!*” (COLFER, 2011, p. 282, grifo nosso). Mesmo vendo sua mãe curada, Artemis quase se arrepende de ter pago pelo desejo realizado. Em seguida, já nas últimas linhas do livro, o narrador traz uma cena familiar: a mãe do personagem (Angeline) pergunta coisas banais, uma aparente saída para a normalidade: “Enquanto sua boca respondia a essas perguntas cotidianas, a mente de Artemis estava um tumulto. Ele era um garoto de novo. Sua vida ia mudar totalmente. Seus planos teriam de ser muito mais sutis do que nunca, para escaparem da atenção da mãe. Mas valeria a pena.” (COLFER, 2011, p. 284).

Conclusão

Percebemos que as trajetórias das personagens parecem seguir a “jornada do herói” (CAMPBELL, 2007) e reinventar características próprias dos contos de fadas; o contato, o combate e até mesmo a aliança com seres mágicos revela-se uma das facetas dessa apropriação.

Como afirma Joseph Campbell em *O herói de mil faces*, nos mitos em geral, o herói segue uma jornada, que também pode ser percebida claramente nos contos de fada, e geralmente percorre algumas fases como a partida, quando o herói recebe um chamado para a aventura em um mundo distante; a iniciação, quando o herói abandona seu mundo e passa por um caminho de provas (ou provações); e o regresso, quando o herói recupera o prêmio ou objeto perdido/roubado e volta triunfante, ao ponto inicial da jornada, transformado.

É possível notar que as narrativas selecionadas nos apresentam caminhos diferentes: a heroína *Coraline* volta ao ponto inicial da jornada com um aprendizado, uma nova atitude de gratidão e carinho com sua família verdadeira – essa palavra, “verdade”, ganha uma nova dimensão para a protagonista: aquela é a **sua** família, única e intransferível; mesmo com defeitos, são alvos de seu amor. Há certa moral na narrativa: uma personagem rebelde torna-se, após as provações, uma boa menina, embora mantenha sua personalidade

aguçada. Há certa proximidade entre a personagem com a categoria de “herói ideal” proposta por Cecília Meireles.

Artemis Fowl apresenta um protagonista que se aproxima de uma forma muito mais visível da categoria “herói de hoje”: o principal objetivo da personagem é a manutenção de uma comodidade material, do luxo e do conforto, a partir da utilização da esperteza e de um lugar privilegiado (fortuna, tecnologia, armas), além de abster-se de mudanças morais ou de personalidade. O prêmio final é a manutenção da segurança material, o dinheiro e mesmo a futura realização de novos planos.

Os heróis das narrativas contemporâneas parecem transitar entre as diversas nuances que se apresentam nos limites das categorias de herói/anti-herói ou mesmo herói “ideal”/“de hoje”. São meninos, meninas, animais personificados, ladrões, magos, fadas, personagens de contos de fadas com novas roupagens, imortais como vampiros, lobisomens, e até mesmo zumbis, com sentimentos e problemas humanos. Até que ponto uma possível identificação poderia, como temia Cecília Meireles, prejudicar a educação das crianças (e adolescentes) é um limiar que dependerá da influência do processo individual de leitura delas (deles).

REFERÊNCIAS:

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- COLFER, Eoin. *Artemis Fowl: o menino prodígio do crime*. 16ª ed. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Galera, 2011.
- GAIMAN, Neil. *Coraline*. Illustrations by Dave McKean. New York: HarperCollins, 2002.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2ª ed. São Paulo: Summus: 1979. (Coleção Novas Buscas em Educação; Vol. 3).
- PIMENTA, Jussara. Leitura e encantamento: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda; MIGNOT, A.C. (Orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Puc - Rio e Loyola, 2001, p. 105-119.
- ZANCANI, Cristine. A visão premiada da infância: a legitimação do livro infantil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado. (Orgs.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; ANEP: 2006.